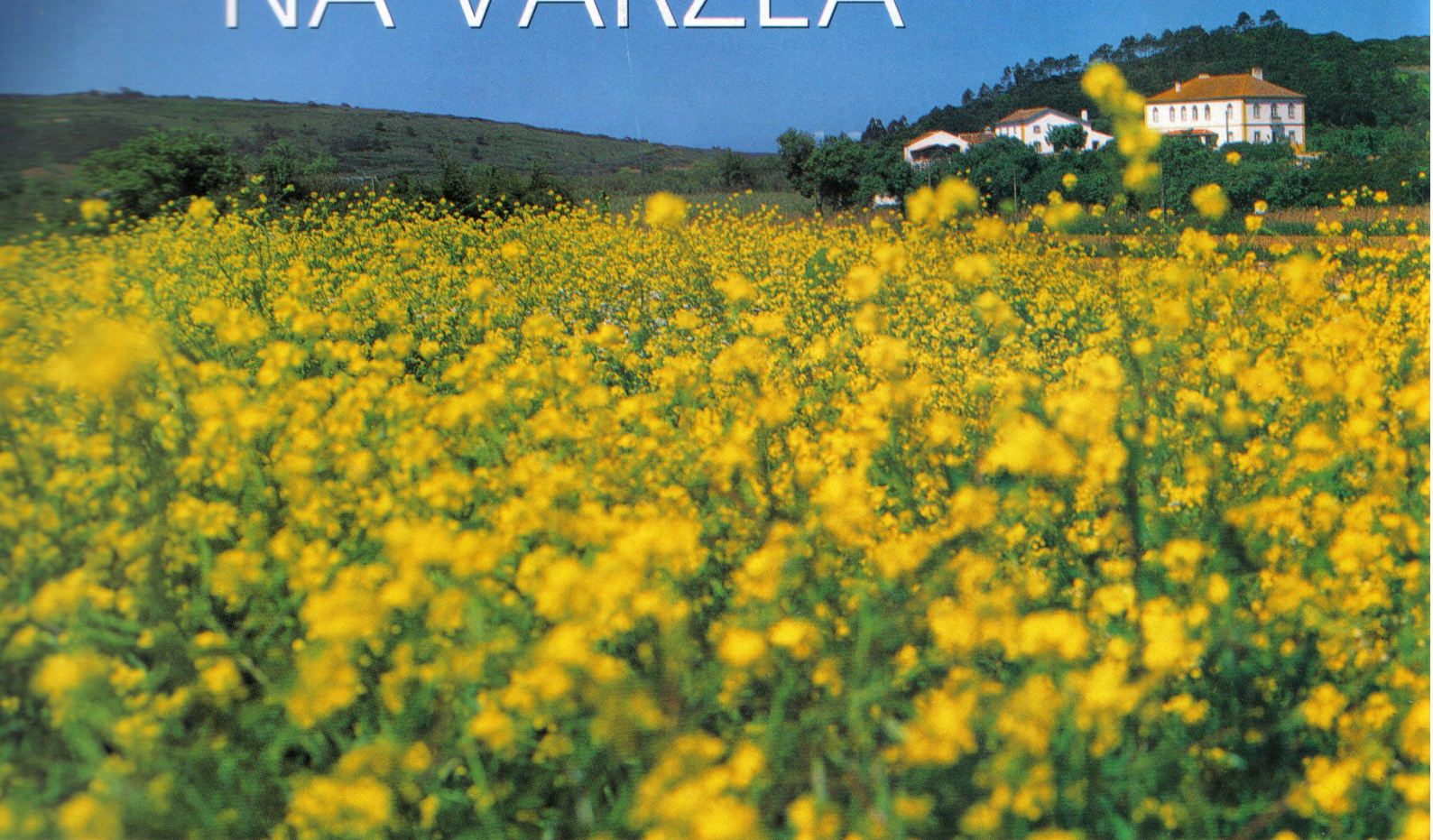
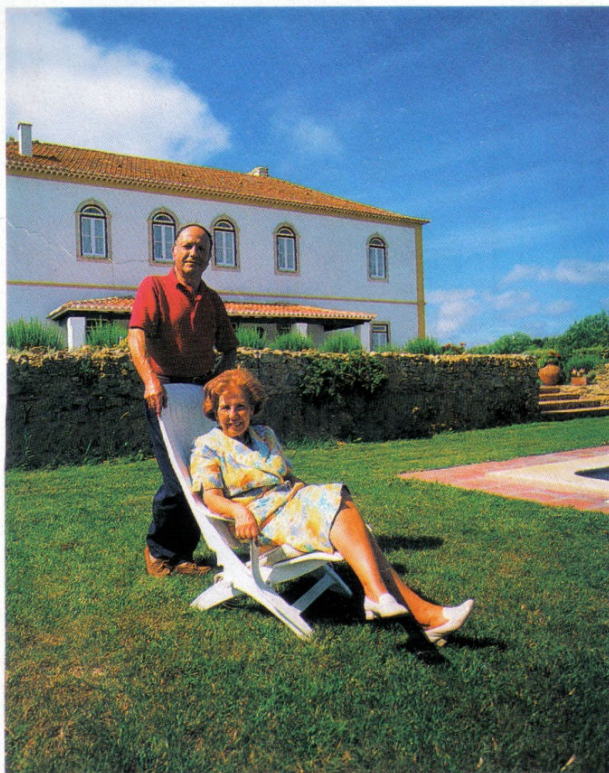


FIM-DE-SEMANA NA VÁRZEA



Perto das muralhas do castelo, duas construções, uma do século XVIII, outra do século XIX, rodeadas por um jardim harmonioso e paisagem a perder de vista. Chegámos à Casa de Óbidos, um refúgio de bem-estar.

Texto de CRISTINA CORDEIRO
Fotografia de MANUEL AGUIAR



Helena e Fernando Sarmento, nos jardins da Casa de Óbidos. Esta unidade de Turismo de Habitação, situada na Várzea da Rainha, no sopé da encosta do Castelo de Óbidos, abriu há pouco mais de um ano, com seis quartos disponíveis na casa grande, e uma pequena casinha rústica com dois outros quartos, com casa de banho, sala e cozinha equipada.



SEGREDOS DE COZINHA SERVIDOS À MESA





Uma entrada lateral dá acesso ao corredor da casa principal, onde ficam a cozinha e sala de jantar, frente-a-frente. Aqui se confeccionam scones, compotas, bolos e biscoitos caseiros servidos depois com chás fumegantes e cafés aromáticos.

É uma história curiosa esta que aqui se conta. Atravessa quase dois séculos e suas atribulações. E tem um final feliz. Como convém. Passemos então aos factos.

Comecemos pela casa-mãe, projectada em meados de Oitocentos por Garrelon, um engenheiro francês da equipa de Eiffel, que fora para esses lados aquando da construção do caminho-de-ferro do Oeste. Em Óbidos conhecera uma senhora, com quem viria a casar. E fez a casa. Ao lado de uma outra, mais antiga, que existia há mais ou menos um século. O engenheiro francês não ficaria por lá muitos anos. Ou assim o dizem. Mas ficou o tempo suficiente para comprar os terrenos em redor, abrangendo toda a Várzea da Rainha. Setenta hectares de terrenos férteis, de grande aptidão agrícola, cuja exploração seria abandonada em meados deste século. Daí à sua alienação foi um pequeno passo apenas.

Helena e Fernando Sarmento descobriram a quinta por acaso através de um anúncio. Procuravam uma, é verdade, mas bem longe daí, na região de Colares. Os preços proibitivos com que se confrontavam fizeram com que admitissem uma outra localização, mas não tinham colocado a hipótese de alargar tanto a área de interesse. Responderam ao anúncio. Visitaram o terreno, com pouco mais de um hectare, viram as casas (ou o que restava delas) e apaixonaram-se pelo lu- ▶



SALAS PARA AS VÁRIAS MANEIRAS DE ESTAR





Em destaque, a sala de jogo, com lareira, localizada no primeiro piso da casa principal. A luz entra a jorros proporcionando um ambiente tranquilo, propício a leituras diurnas ou a momentos de escrita.

gar. Foi tiro e queda. Passadas as negociações e a escritura era chegada a altura de definir o que fazer. Conta Helena Sarmiento: "Pusemos várias hipóteses. Pensámos até destruir esta casa e ficar só com a pequenina. Tínhamos de dar início às obras, mas os orçamentos, à partida, eram mais elevados que a verba disponível." Surgiu então a hipótese de inscrever a casa como unidade turística, o que, por um lado, facilitava a recuperação – podia recorrer-se a uma comparticipação a fundo perdido – e, por outro, permitiria rentabilizar um espaço daquelas dimensões e o investimento que nele iria ser feito.

Manuela Morgado, arquitecta, especializada no restauro e remodelação de casas de época, ficaria responsável pelo projecto. Respeitando a traça original, reorganizou e refuncionalizou por completo os interiores, inadequados à actual vivência de uma família que abre as portas da sua casa ao turismo mas que preza a privacidade e a autonomia. Sua e dos outros. ►



OS MESMOS PADRÕES
NO QUARTO E NO BANHO





Dois outros quartos e respectivas casas de banho do primeiro piso da casa principal. No ambiente à direita utilizaram-se chitas de Aconchego, que se repetem depois nas cortinas da banheira. Neste outro quarto, cama Louis Philippe restaurada por Joaquim Castro, arquitecto e amigo da família.

Confessa Helena: "Nem sempre tivemos a mesma perspectiva em relação a todas as questões. A Manuela é muito mais minimal, é uma mulher muito prática e quer tudo funcional. Mas conseguimos sempre entender-nos." Estiveram de acordo nas grandes linhas de orientação do projecto arquitectónico. Manuela Morgado insistiu na utilização de materiais da região e conseguiu um consenso. "Fazia sentido, apesar de não ser a minha ideia inicial. Eu sou sensível a argumentos inteligentes: não pertence à época; os materiais não ligam...", comenta, rindo. Mas divergiram noutras questões, tais como a cor dos interiores – Helena bateu o pé pelo ocre contra o branco –, a decoração das casas de banho – todas diferentes contra todas iguais – e a bancada da cozinha.

Para controlar os custos e a execução, a obra foi feita por administração directa, um processo desgastante, mas compensador. "A reconstrução de uma casa exige a nossa presença constante. Os pedrei- ►

IMAGENS DE UMA CASA RÚSTICA SETECENTISTA





Várias perspectivas dos exteriores de ambas as casas e pormenores do interior da casa rústica do século XVIII, nomeadamente da entrada da sala de televisão e do corredor.



AQUI VIVIAM CÃES,
GALOS E BORREGOS





Pormenor de um dos quartos da casa rústica setecentista. Todo o interior foi feito, salvo as conversadeiras e os tectos.

ros estão habituados a uma determinada rotina e colocam os azulejos, por exemplo, sem atender às características específicas, sem se preocuparem muito com pormenores. Querem despachar o trabalho e não respeitam algumas regras que fazem toda a diferença”, intervém Fernando Sarmiento, que fazia as encomendas, controlava as entregas, trabalhava com os pedreiros. Foram dois anos de muito trabalho. Os primeiros seis meses dedicaram-nos por inteiro ao rés-do-chão da casa pequena, que servia até aí de abrigo a pessoas, cães, galos, borregos. Foi necessário refazer quase tudo e adaptar a casa às necessidades de espaço e higiene de hoje, pondo a ênfase nos pormenores: no quarto recuperaram-se as janelas com conversadeira protegidas com grades de barriga, segundo a tradição portuguesa; o duche, até aí inexistente, tomou o lugar da antiga chaminé. A casa tem hoje dois quartos, duas casas de banho, uma salinha de estar e ainda uma cozinha completamente equipada, ou seja, um pequeno T2 rústico enquadrado por um jardim privativo.

Só então deram início à casa grande. ►



UM QUARTO COM VISTA PARA O CASTELO

Detalhe de um quarto da casinha rústica cuja janela abre para um pequeno jardim com vista para o Castelo de Óbidos. Poderá haver melhor maneira de acordar?

Da reorganização do espaço à criação de sete casas de banho e um lavabo social, do restauro do chão ao picar das paredes, houve um tempo para tudo. Uma clarabóia no telhado permitiu luz zenital nas escadas. Foi mantida a telha marselha antiga, substituindo-se apenas as danificadas. Os exteriores ficaram para o fim. Envolvendo as casas, a piscina e o campo de ténis, os jardins, projectados pelo arquitecto paisagista João Cerejeiro, vieram enquadrar de forma harmoniosa este conjunto habitacional.

A Casa de Óbidos abriu ao público em Julho de 98.

Consulte a lista de moradas a partir da pág. 192, em **Arquitectos Designers e Decoradores** e em **Outros**